ANA MARIA DE ALBUQUERQUE BINET[1]

EDUARDO LOURENÇO E FERNANDO PESSOA, O FILÓSOFO E O POETA

Eduardo Lourenço and Fernando Pessoa, the philosopher and the poet
Abstract
To the fascination exerted by the work of the great poet Fernando Pessoa on the philosopher Eduardo Lourenço bear witness the numerous books and articles that Eduardo Lourenço wrote about him. If Pessoa's poetry was, in effect, a source of inspiration for the latter's philosophical reflection, the poet's multiple character was equally an object of curiosity and study for the one who gave him the title of "king of our Bavaria": a melancholic, mysterious, elusive sovereign, always escaping the definitions that satisfy above all those who give them.
Keywords: Eduardo Lourenço, Fernando Pessoa, Philosophy, Poetry

Resumo
Do fascínio exercido pela obra do grande poeta Fernando Pessoa sobre o filósofo Eduardo Lourenço testemunham os numerosos livros e artigos que Eduardo Lourenço escreveu sobre ele. Se a poesia pessoana foi, com efeito, uma fonte de inspiração para a reflexão filosófica deste último, a personagem múltipla do poeta foi igualmente um objeto de curiosidade

[1] Professora catedrática emérita, Université Bordeaux Montaigne (França), 0000-0002- 9474 – 8938 (Orcid), Ana-Maria. Binet@u-bordeaux-montaigne.fr

DOI: https://doi.org/10.21747/21836892/fil41a2

e estudo para aquele que lhe conferiu o título de "rei da nossa Baviera": um soberano melancólico, misterioso, fugidio, escapando sempre às definições que satisfazem sobretudo aqueles que as dão.
Palavras-chave: Eduardo Lourenço, Fernando Pessoa, Filosofia, Poesia

Introdução

Se Pessoa se declarou "um criador de mitos", Eduardo Lourenço não contribuiu pouco para a criação do mito pessoano contemporâneo, libertando-o assim da prisão temporal a que estamos todos condenados. Como recompensa, o trabalho sobre Pessoa abriu-lhe portas para a reflexão sobre grandes temas do pensamento filosófico: o tempo e o espaço, o real e a realidade, a essência e a existência, o pensamento, a linguagem, a ontologia e a metafísica (e aqui, especialmente a aventura esotérica de Pessoa, a que dediquei a minha tese de doutoramento, e assunto que abordei amiúde com Eduardo Lourenço).

A filosofia foi claramente um fio de Ariadne essencial para ele explorar o labirinto pessoano, sem dele permanecer prisioneiro. O contributo de Kierkegaard foi assim solicitado para interrogar, entre outros, as máscaras e o paradoxo, tal como Nietzsche, numa idêntica, mesmo se por caminhos diversos, demanda do sentido da vida, assim como num mesmo acto de pensar provocadoramente a cultura europeia no seu devir. Mas também Schopenhauer, com o qual Pessoa partilha o sentimento do absurdo da existência.

E não esqueçamos, e Eduardo Lourenço não esquece, que Fernando Pessoa teve um heterónimo filósofo, António Mora, teorizador do paganismo. Foi também o autor de um *Fausto*, poema dramático, em que a poesia e a filosofia caminham de mãos dadas. Em que medida é que Pessoa-Fausto seria então um poeta-filósofo? Como tentaremos provar, uma boa parte da obra crítica de Eduardo Lourenço sobre Fernando Pessoa tentou responder a essa pergunta fundamental.

Duas épocas, dois percursos, um encontro

Dedico esta reflexão à memória de Eduardo Lourenço, falecido há já três anos, e à paixão pela obra de Fernando Pessoa que nos permitiu encontrarmo-nos, eu, a literária que percorreu caminhos da filosofia para tentar responder mais cabalmente às questões que essa obra suscitava; ele, o filósofo, que mergulhou na poesia, para tentar compreender o mistério ontológico pessoano.

Como diz Nuno Júdice, em Fernando Pessoa (e noutros poetas, como Camões e

Antero) encontrou Eduardo Lourenço "uma ponte para o seu pensamento filosófico"[2]. E prossegue: "se no filósofo isso é conseguido através da razão, no poeta sê-lo-à pela presença de uma palavra em que o mundo e o verbo coincidem". [3]

Importante para o encontro entre Eduardo Lourenço (EL) e Fernando Pessoa (FP)[4] foi sem dúvida a consciência que aquele tinha de que era absolutamente necessário sondar a obra deste último enquanto repositório de um retrato em filigrana, e em fragmentos, do seu autor: "Custa-me imaginar que alguém possa um dia falar melhor de Fernando Pessoa que ele mesmo. Pela simples razão de que foi Pessoa quem descobriu o modo de falar de si tomando-se sempre por um outro"[5]. Olhando-se no espelho, F.P. via com efeito os vários outros que o constituíam e que construíam a sua obra multifacetada. Qual deles seria ele próprio, o sujeito que se olhava no espelho da sua psique ou as imagens – projeções de si a que ele chamou "heterónimos"?

I – O "Rei da nossa Baviera"

Podemos, em todo o caso, afirmar que a melancolia desse "rei da nossa Baviera" fascina EL, que fala, no início do livro referido, da "barca de melancolia" de FP, com a qual atravessa uma paisagem que, para ele, "é uma colecção de imagens sem sentido e a viagem perdida de antemão"[6]. E prossegue: "Nenhum poeta da Modernidade exprimiu como Pessoa esta absoluta perdição do sentido do nosso destino enquanto *mundo moderno* e isto bastaria para que o autor da *Tabacaria* se tivesse convertido não apenas no mito que é para nós, mas numa das referências-chaves da Cultura contemporânea"[7]. É evidente que EL se sente em sintonia com o poeta, partilha o vazio que o habita, o seu sentimento de absurdo, que anuncia a futura filosofia da existência que será predominante nas décadas seguintes. Abraçando junto com ele uma filosofia nietzscheana mortífera, que expulsou da história humana um sentido transcendente, EL considera que a obra de FP, e a visão do mundo que ela representa, se insere numa "poética da Depressão absoluta que assolou a cultura do Ocidente desde os meados do século XIX até aos princípios do século XX"[8]. Ou, por outras palavras, mas que continuam a ser as d'EL, "é esta *poética da indiferença* que a pluma quotidiana de Bernardo Soares eleva ao nível de uma epopeia niilista"[9]. Essa prosa,

[2] N. Júdice, «Eduardo Lourenço e a Poesia», *in Colóquio Letras,* nº 213, Maio / Agosto 2023, Lisboa, FCG, p. 9.
[3] *Ibid.*, p. 10.
[4] Daqui por diante, assim nos referiremos aos dois autores objeto deste estudo.
[5] E. Lourenço, *Fernando Rei da nossa Baviera*, Lisboa, IN / CM, 1986, p. 9.
[6] *Ibid.*, p. 11.
[7] *Ibid.*, p. 12.
[8] *Ibid.*, p. 15.
[9] *Ibid.*, p. 16.

que EL qualifica de "prosa luminosamente suicidária"[10], confere um sentido outro à obra de FP, tocada pela asa do anjo da morte, o mesmo que marcou com a sua sombra negra a vida de Luís II de Baviera.

O *Livro do Desassossego*, que EL considera como "a encenação abismal do Eu, como ausência radical de si mesmo e do mundo"[11], é a prova "*do eu como ausência ontológica"e* simultaneamente "da ausência ontológica do eu"[12] – o que poderia entrar em aparente contradição com a profusão de eus que o poeta cria, com as personalidades literárias, os heterónimos, que o tornaram em boa parte famoso - e que EL aproxima dos pseudónimos de Sören Kierkegaard, como outras tantas máscaras, cuja pluralidade constituía a frágil e instável unidade pessoana, "uma ausência radical do eu a si mesmo, um vazio original, informe e sem nome"[13]. E conclui: "Kierkegaard e Pessoa são duas versões, na aparência opostas, da vivência idealista do Eu"[14]. E, acrescentaríamos, do paradoxo como modo de funcionamento psicológico, não apenas literário (o famoso "o paradoxo não é meu: sou eu" pessoano), a partir de um centro "sem dúvida constituído de mera ausência"[15]. A dialética que se estabelece entre os vários heterónimos vai, pois, gravitar em redor de um centro em abismo, que atrai os planetas-heterónimos e, ao mesmo tempo, os mantém a uma distância que torna possível a sua existência, sempre ameaçada pela queda no abismo, com a inevitável destruição de todo o sistema. A melancolia pessoana é a matéria negra, para prosseguir a metáfora espacial, que une todos esses elementos e os ameaça constantemente e onde F.P.- Narciso se revê. Se falássemos num contexto religioso, poderíamos referir uma forma de teologia negativa, apofática, em que o sentido transcendente surge do Nada.

Na sombra, companheira inevitável da Melancolia, está a Loucura, que tomou posse de Luís II de Baviera, e pela qual FP se sentia ameaçado. Fascinado por esta dupla tragédia, a de Luís II – Lohengrin ou Parsifal, e a de FP- D. Sebastião, EL lança-se apaixonadamente na sua análise, servindo-se para tal do *Livro do Desassossego,* verdadeiro repositório da melancolia pessoana, ligando-a filosoficamente à consciência do Tempo e a um "Trágico Moderno"[16].

II - Eduardo Lourenço, um outro "criador de mitos"?

Assim, se FP criou o mito de si próprio, EL contribuiu para o alargar, para lhe

[10] *Ibid.*, p. 19.
[11] *Ibid.*, p. 86.
[12] *Idem.*
[13] *Ibid.*, p. 102. V. o capítulo intitulado «Kierkegaard e Pessoa ou as Máscaras do Absoluto», pp.97-109.
[14] *Idem,* p. 102, 103.
[15] *Ibid.*, p. 106. «O Eu não é *ninguém* (persona)» (p. 107).
[16] E. Lourenço, *Poesia e Metafísica,* Lisboa, Sá da Costa, 1983, p. 166.

dar uma dimensão ultrapassando o mito literário, graças a uma reflexão de cariz mais filosófico. Integrando-se no mito nacional – e isto desde os primórdios da nacionalidade - de um Portugal que se vê como uma Nação eleita, destinada a realizar uma missão messiânica de propagação da palavra cristã além-mar, a obra de FP sublima poeticamente essa" identidade mítica", como lhe chama EL[17]. Mergulhando na irrealidade da existência, o poeta tenta lembrar um mundo outro, para além do Tempo e do Espaço, de que o Homem se encontra irremediavelmente exilado. Os seguintes versos testemunham dessa visão platónica da condição humana:

> Venho de longe e trago no perfil, / Em forma nevoenta e afastada, / O perfil de outro ser que desagrada / Ao meu actual recorte humano e vil. // [...] Hoje sou a saudade imperial / Do que já na distância de mim vi.../ Eu próprio sou aquilo que perdi...// E nesta estrada para Desigual / Florem em esguia glória marginal / Os girassóis do império que morri...[18]

Perdido o "império", isto é a vida anterior, a Unidade primordial, o seu verdadeiro ser perdeu-se igualmente ao cair na Diversidade, na matéria . Mais adiante no mesmo poema a Luz é progressivamente substituída pela Sombra:

> Aconteceu-me do alto do infinito / Esta vida. Através de nevoeiros, / Do meu próprio ermo ser fumos primeiros, / Vim ganhando, e através estranhos ritos // De sombra e luz ocasional, e gritos / Vagos ao longe, e assomos passageiros / De saudade incógnita, luzeiros / De divino, este ser fosco e proscrito...[19]

De inspiração neo-platónica, aquela que será a Queda do Antigo Testamento, a perda do Paraíso, vai inspirar a *Ode Marítima* de Álvaro de Campos e a metáfora do *cais* como" saudade de pedra": "Ah, quem sabe, quem sabe, / Se não parti outrora, antes de mim, / Dum cais; se não deixei, navio ao sol / Oblíquo da madrugada, / Uma outra espécie de porto?" [20].

Em 1934, outro poema testemunha desta permanência do platonismo na visão pessoana do mistério das origens longínquas do ser humano. Citarei apenas a primeira estrofe: "Neste mundo em que esquecemos / Somos sombras de quem somos, / E os gestos reais que temos / No outro em que, almas, vivemos, / São aqui esgares e assomos"[21].

---

[17] E. Lourenço, *Mythologie de la Saudade*, Paris, Editions Chandeigne, 1997, p. 9.
[18] F. Pessoa, *Obra Poética e em Prosa*, vol. I, Porto, Lello, 1986, p. 1097.
[19] *Ibid.*, p. 1099.
[20] F. Pessoa, *Poemas de Álvaro de Campos*, Lisboa, Ática, p. 162.
[21] F. Pessoa, *Poesias*, Lisboa, Ática, 1967, p. 197.

Deve, portanto, ser possível conhecer o mistério, o oculto, através de um processo iniciático, que sempre atraiu o poeta sem que se saiba que ele o tivesse realmente conseguido, ou mesmo desejado, levar a cabo.

EL cedo teve a intuição da importância desta faceta essencial de FP e consequentemente da sua obra:

> a sua visão nesse capítulo é de estrutura neo-platónica, de que o Ocultismo é por assim dizer, a tradição imagística e popular. A visão ocultista constitui o segundo polo mítico do universo poético e mental de Pessoa, segundo na ordem da criação poética original, primeiro na ordem do tempo e na da duração. "Não há dúvida alguma : a única constante da actividade imaginária de Pessoa é a que tem como centro a visão ocultista da realidade"[22]. E acrescenta mais adiante*:* "Não há em toda a poesia de Fernando Pessoa nada mais afirmativo que a pulsão ocultista[23]."

Poucos críticos da obra pessoana tiveram esta intuição de que diferentes formas de um pensamento que podemos chamar ocultista ou esotérico marcaram de forma cabal a vida e a obra de FP, sendo um elemento essencial para a sua compreensão.

De qualquer modo, trata-se, segundo EL, do "primeiro discurso poético em língua portuguesa que integra a si mesmo a sua própria instabilidade ontológica, a sua loucura potencial e com ela a instabilidade e a loucura possível de todo o discurso"[24]. Tal como Orfeu, a obra pessoana desce, e nós com ela, "ao inferno da Subjectividade moderna"[25], circunscrevendo "a solidão, o vazio, a angústia, a náusea, a negra melancolia, incrustadas como um sol negro no centro da nossa aventura individual e histórica."

Particularmente sensível a esta postura ontológica de FP, como prova, entre muitas outras obras que dedicou ao poeta, a que intitulou *Mythologie de la Saudade*, EL vai ter um papel essencial na construção, a nível internacional, do que poderíamos chamar "o mito Pessoa". Faria ele sua esta declaração de FP: "Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém na humanidade" ? Eco desta declaração, o poema *Ulisses* de *Mensagem,* construído sobre uma série de oxímoros, estudados pelo linguista Roman Jakobson, na sua obra *Questions de Poétique*,[26] de que citamos a primeira estrofe : "O mito é o nada que é tudo. / O mesmo sol que abre os céus / É um mito brilhante e mudo - / O corpo morto de Deus, / Vivo e

[22] E. Lourenço, *Pessoa Revisitado*, Porto, Inova, 1973, p. 207.

[23] *Ibid.*, p. 210.

[24] E. Lourenço, *Poesia e Metafísica*, op. cit., p. 170.

[25] *Idem.*

[26] R. Jakobson, *Questions de Poétique*, Paris, Seuil, 1973, p. 463-483 («Les oxymores dialectiques de Fernando Pessoa»).

desnudo"[27].

O paradoxo que caracteriza o pensamento pessoano liga-se claramente à sua defesa de uma lógica não aristotélica, e a uma visão do mundo que podemos associar com a dos místicos. Ele é extremamente fecundo de um ponto de vista poético, e abre as portas do hermetismo, e de um sentido misterioso que se revelaria a partir dessa *coincidentia oppositorum,* cujo modelo mais conhecido é a alquimia, cuja polaridade desenvolve uma verdadeira dinâmica estrutural. O paradoxo é uma constante dos textos esotéricos e da sua linguagem dita "hermética", como dos textos religiosos em geral. *Além-Deus*, poema que se baseia numa experiência de cariz místico, testemunha do que acabamos de afirmar: "Mero eco de mim, me inundo / De ondas de negro lume / [...]Escada Absoluta sem degraus... Visão que se não pode ver..."[28].

FP retomou amiúde este conceito hermético segundo o qual tudo é e se mantém oculto, o ser humano podendo apenas ler sinais que são sintomas de uma realidade outra. Neste ponto, entre outros, se encontra ele próximo de C.G. Jung quando este escreve:

> N'a-t-on pas encore remarqué que toutes les formules religieuses regorgent de contradictions logiques [...] et que c'est précisément ce qui constitue en fait l'essence des affirmations religieuses ? […] Le paradoxe, aussi étrange que cela paraisse, est un de nos biens spirituels suprêmes, alors que l'uniformité de signification est un signe de faiblesse[29].

III – Poesia e Filosofia

A propósito da relação entre Poesia e Filosofia na obra pessoana, que é um dos elementos importantes do mito Pessoa, EL lembra que "a poesia não é nunca *ideia* versificada"[30]. Se FP faz frequentes referências ao filósofo Friedrich Nietzsche, sobre o qual tinha obras anotadas na sua biblioteca[31], e que certamente exerceu uma influência sobre o seu pensamento, especificamente sobre as suas reflexões a propósito de Génio e Loucura, da "morte de Deus", a visão dionisíaca do mundo, o conceito de "Übermensch" (Super- Homem) e, sob a influência de Schopenhauer, de "Wille zur Macht"(Vontade de poder), especialmente em Álvaro de Campos, mas também em António Mora, essas referências são utilizadas de forma diferente consoante as personalidades pessoanas que as fazem suas, mas não são de forma alguma parte integrante da sua poética. O filósofo e o poeta têm, contudo, uma mesma visão de

[27] F. Pessoa, *Mensagem,* Lisboa, Ática, p. 25.

[28] F. Pessoa, *Obra Poética e em Prosa (I), op. cit.,* p. 1092.

[29] C. G. Jung, *Dialectique du Moi et de l'Inconscient*, Paris, Gallimard, 1988, p. 21.

[30] E. Lourenço, *Poesia e Metafísica, op. cit.,* p. 107.

[31] V. sobre esta questão N. Ribeiro, *Fernando Pessoa e Nietzsche: O pensamento da pluralidade*, Lisboa, Babel, 2011, p. 49-58.

uma civilização ocidental decadente e da necessidade de renovar de maneira radical os seus valores. Não esqueçamos, todavia, que FP insiste amiúde nas suas notas na loucura nietzscheana, que reflete talvez para ele a que o ameaça também...Sem falar da sua recusa "epidérmica" da cultura germânica que marca fortemente a obra de Nietzsche... Apesar destas restrições, não podemos negar a presença do filósofo alemão na poesia de um Álvaro de Campos, e particularmente no "Ultimatum". Citamos a este propósito EL:

O "Ultimatum" é, ao mesmo tempo, um pastiche, uma transposição, e uma amálgama de clichés nietzscheanos tomados à letra ou desviados do seu sentido, com a finalidade de fazer tábua rasa da cultura europeia decadente e deixar lugar para uma outra cultura, de costas voltadas para essa Europa e de olhos fixos numa Grécia futura de perfil atlântico[32].

A objetividade não é o que interessa verdadeiramente FP, e ele não é precisamente um filósofo analisando a obra de um colega...Ele é um poeta que se serve dessas ideias filosóficas para fazer poesia, para alimentar o seu imaginário. Ele próprio o afirma, em inglês: "I was a poet animated by philosophy, not a philosopher with poetic faculties"[33]. O frenesim dionisíaco de Alvaro de Campos não é *ipsis verbis* a visão dionisíaca do mundo de Nietzsche, e tem muito da influência do poeta americano Walt Whitman. Quanto a Alberto Caeiro, ele é quando muito, segundo EL, "uma espécie de Zarathustra exangue" a que falta "a dimensão *trágica* consubstancial com a vida segundo Nietzsche"[34]. Será que a revista *Orpheu* põe, ela, em prática a visão nietzscheana da arte, como defende Bartholomew Ryan num artigo de uma obra que estuda a relação entre Nietzsche e Pessoa, e em que EL colaborou[35]? Com efeito, o seu caráter caótico, a presença obsessiva da máquina, o cosmopolitismo, testemunham, tal como a obra de Nietzsche, do *Zeitgeist* de 1915.

FP criou, aliás, um porta-voz filósofo, António Mora, "a quem ele encarrega de provar totalmente a verdade metafísica e prática do paganismo"[36], que, ainda segundo EL, já estava na poesia de Caeiro.

A seguinte confissão de EL, que talvez lhe tenha "escapado", é significativa: "a interpretação "filosófica" ou "metafísica" da poesia de Pessoa é, mais do que incontornável, obcecante". Ela é por vezes necessária, como no seu *Fausto*, em que "poesia e filosofia são inseparáveis" [37] pela busca do mistério que está no cerne do poema. Pessoa atinge aqui o estatuto de poeta-filósofo, ameaçado pela "loucura de

[32] B. Ryan – M. Faustino – A. Cardiello (ed.), *Nietzsche e Pessoa*, Lisboa, Ed. Tinta-da-China, 2016, p. 38.

[33] E. Pessoa, *Páginas* Íntimas e de *Auto-interpretação*, Lisboa, Ática, [s. d.] p. 13.

[34] *Ibid.*, p. 48.

[35] *Ibid.*, pp. 51-83.

[36] E. Lourenço, *Obras Completas*, XI, *O Lugar do Anjo, Crítica Pessoana II (1983-2017),* Lisboa, FCG, 2022, p. 204.

[37] *Ibid.*, p. 208.

conhecer o absoluto"[38] : "o horror do mundo é a sombra projectada pelo horror de si mesmo, incapaz como é de viver em vez de pensar até ao delírio". E continua EL: "De facto, é difícil encontrar um texto, ou melhor, um conjunto de fragmentos poéticos em que a essência do pensamento moderno enquanto niilismo se exprima com igual insistência e negrume"[39].

Conclusão

Como inspirado por FP, o estilo d'EL enquanto distinto crítico da obra pessoana, que recebeu o Prémio Pessoa em 2011, "poetiza-se", se me permitem este verbo pouco clássico. Como afirmou a escritora Lídia Jorge na sessão de homenagem a EL que teve lugar em Lisboa, na FCG, no final de Maio deste ano, a linguagem de EL é poética, o pensamento é filosófico. A sua análise da obra pessoana torna-se um ponto de encontro e de simbiose entre poesia e filosofia, como uma necessidade íntima, como "malgré lui": uma forma de possessão espiritual e intelectual. Poucos críticos da obra pessoana dela falaram com um tal entusiasmo poético.

A vida como sonho, a ausência de um sujeito capaz de sonhar, a existência como ficção ("o mito de si mesmo como ficção"), a radicalidade negativa da personagem Pessoa são, segundo EL, a explicação do "clarissimo mistério da sua sedução ímpar"[40]. "Quase um anjo-da-guarda dos nossos sonhos", segundo a afirmação d'EL[41], Pessoa "não era um teólogo, nem sequer um filósofo, mas unicamente um poeta"[42], e esta constatação permite essa afirmação. Influenciado pelo seu culto de Shakespeare, FP sabe "que somos feitos da matéria dos sonhos", o que para ele "não é só um achado poético, mas a verdade em si mesma"[43]. Assim, o abismo omnipresente na vida e na obra de FP se transforma, graças à alquimia poética, no "lugar onde a própria noite se transforma em luz"[44] ; um sonho faustiano, que a Modernidade vê transformar-se lentamente numa "doença da alma", que EL definirá como "aquilo a que chamamos Simbolismo, de que Pessoa é, ao mesmo tempo, a quinta-essência e o trágico exorcista"[45]. "Para Pessoa, o sentimento da irrealidade do mundo, dos outros e de si mesmo é [...] radical", "ele não existe, sonha-se".

Na era do crepúsculo dos deuses, a solidão a que o Homem está votado, a morte das suas ilusões, refletem-se na melancolia de grande parte da obra pessoana, outro

[38] *Ibid.*, p. 211.
[39] *Ibid.*, p. 212.
[40] Lourenço, *Poesia e Metafisica*, *op. cit.,* p. 166, 167.
[41] Lourenço, *Obras..., op. cit.*, p. 83.
[42] *Ibid.*, p. 85.
[43] *Ibid.*, p. 86.
[44] *Ibid.*, p. 87.
[45] *Idem.*

Luís II de uma Baviera ibérica, onde o palácio é feito de palavras, e habitado por personagens de ficção, criados por um rei sem trono, que se sonha outro imperador da língua portuguesa.

O Lugar do Anjo, título do segundo volume dedicado à crítica pessoana nas obras completas d'EL pulicadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, é talvez o ponto de encontro entre o poeta, por vezes luciferino, e o filósofo fascinado pela poesia pessoana, seu verdadeiro anjo da guarda, dois espíritos em busca da chave que possa abrir a porta do mistério do Homem e da Realidade, imanente e transcendente, em que se insere. Sobre este tema, deixemos a palavra a FP- Ricardo Reis: "Anjos ou deuses, sempre nós tivemos, / A visão perturbada de que acima / De nós e compelindo-nos / Agem outras presenças".[46]

Referências bibliográficas

Jakobson, R., *Questions de Poétique*, Paris, Seuil, 1973.

Júdice, N., "Eduardo Lourenço e a Poesia", *in Colóquio Letras,* nº 213, Maio / Agosto 2023,.

Jung, C.G., *Dialectique du Moi et de l'Inconscient*, Paris, Gallimard, 1988.

Lourenço, E., *Fernando Rei da nossa Baviera*, Lisboa, IN / CM, 1986.

— *Poesia e Metafísica,* Lisboa, Sá da Costa, 1983.

— *Mythologie de la Saudade*, Paris, Editions Chandeigne, 1997.

— *Pessoa Revisitado*, Porto, Inova, 1973.

— *O Lugar do Anjo, Crítica Pessoana II (1983-2017),* (Obras Completas, XI), Lisboa, FCG, 2022.

Pessoa, F., *Odes de Ricardo Reis*, Lisboa, Ática, 1966.

— *Obra Poética e em Prosa*, vol. I, Porto, Lello, 1986.

— *Mensagem,* Lisboa, Ática, 1967.

— *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*, Lisboa, Ática, [s. d.].

— *Poemas de Álvaro de Campos*, Lisboa, Ática, 1967.

— *Poesias*, Lisboa, Ática, 1967.

Ribeiro, N., *Fernando Pessoa e Nietzsche: O pensamento da pluralidade*, Lisboa, Babel, 2011.

Ryan, B. – Faustino, M. – Cardiello, A. (eds.), *Nietzsche e Pessoa*, Lisboa, Ed. Tinta da China, 2016.

[46] F. Pessoa, *Odes de Ricardo Reis*, Lisboa, Ática, 1966, p. 54.